

Reserva Kurukutu

Uma aldeia indígena sobrevive sem recursos



A índia Kurukutu se preocupa em pentear os cabelos enquanto amamenta seu bebê.



As 35 famílias formam uma grande família

O ser humano adora conhecer tudo que é exótico. Acredita na preservação de nossa cultura, de nossas matas, de nossa liberdade. Mas assim que tem uma oportunidade de enriquecer-se, deixa de lado esses argumentos e sai por aí derrubando árvores, matando, falando inglês. E um exemplo desta incoerência humana está muito próxima de nós. Em Barragem, um lugarejo próximo de Colônia e Parelheiros, ainda sobrevivem os últimos descendentes dos índios Guaranis. Embora considerados aculturados pela vizinhança, formada por silitantes e fazendeiros, eles preservam certas tradições indígenas: acreditam num Deus Tupã, representado pelos trovões e se comunicam através da língua guarani.

Os moradores da região declaram que é fato comum ver um índio embriagado. Também podem ser vistos recolhendo os frangos mortos das granjas da região. Raramente conseguem um trabalho, porém, pouco incomodam os habitantes. Os índios Guaranis vivem na Barragem há 40 anos. A reserva Kurukutu existe há cinco anos, com cerca de 35 famílias. Um pouco mais adiante, próxima à Granja Saiki, existe outra pequena reserva com cinco famílias. Elas já não produzem o artesanato, mas ainda é possível ver algumas peças coloridas penduradas nas cercas que protegem o local.

Índios albinos

Na ausência do cacique Karai Guaraepé, mais conhecido por Zé Fernandes, a responsabilidade da aldeia fica a cargo de seu irmão Karai Jaguará, ou Casemiro da Silva. Todos nasceram na reserva, onde existem mais de 80 crianças. Os casamentos ainda são permitidos apenas entre os integrantes da tribo. Um branco que casa com uma índia, deve levá-la embora. E se um índio que casar com uma branca, deve sair da tribo. Curiosamente, entre estes casamentos indígenas originou-se duas crianças albinas.

Karai Jaguará disse que o governo pouco ou quase nada oferece aos índios. Há quatro anos eles esperam a construção de uma escolinha. "Ninguém aqui sabe ler ou escrever. A escola de Barragem recebe nossas crianças, mas não aceitamos porque as crianças brancas brigam com nossas crianças índias. O governo prometeu, mas até agora não cumpriu", admitiu.

Um médico faz a assistência necessária uma vez por semana, todas as quintas-feiras. Mas uma única visita semanal é pouco. "Precisamos pelo menos duas vezes por semana, porque se algum de nós fica doente, tem que esperar a semana toda para receber o médico. Não temos dentista", explicou. Remédios e roupas são algumas das necessidades básicas da aldeia. Eles já se preocupam com a aproximação do inverno e não possuem cobertores suficientes para todos. Gripe e dor de cabeça são os maiores problemas de saúde. A falta de remédios muitas vezes é suprimida com os chás e ervas do cacique Karai Guaraepé, o pajé da tribo.

mação do inverno e não possuem cobertores suficientes para todos. Gripe e dor de cabeça são os maiores problemas de saúde. A falta de remédios muitas vezes é suprimida com os chás e ervas do cacique Karai Guaraepé, o pajé da tribo.

Presença de branco

A aldeia possui instalação elétrica, rádio, gravador e fogão. As mulheres ainda preferem cozinhar com lenha, mas não dispensam a praticidade de um sabão em pó Omo ou Minerva. De noite, nunca assistiram à uma novela e, sem televisão, preferem reunir-se e ouvir estórias, cantar ou dançar. A maior festa acontece no dia 25 de dezembro, ocasião em que o cacique realiza os batismos e casamentos. Apesar deste costume, os índios insistem em ter um padre cristão na aldeia, para catequizar as crianças. Amigáveis e gentis, os índios podem surpreender com certas atitudes educadas. Visitantes devem ser recebidos num salão de chão batido, erguido com bambus e coberto de sapé, e confortavelmente sentados num banco feito de tronco de árvore, iniciar a conversa. Inocentes, parecem confiar nos brancos e limitam-se a responder as perguntas sem questionar. Evitam falar em Guarani diante de estranhos, mas exigem respeito às hierarquias. Perguntas somente devem ser feitas para o cacique. Os demais limitam-se a observar curiosos a movimentação da aldeia.

Ocupando 12 alqueires de terra, Karai Jaguará lembrou que o espaço começa a ser pequeno, uma das desvantagens de viver numa reserva. Se as famílias crescem, temos que criar outras casas e o espaço disponível para a plantação diminui", explicou. E todos plantam um pouco. Do contrário, não comem. Apesar de garantirem que a terra não é bem produtiva, plantam feijão, milho, banana, cana, batata doce e mandioca. Pescar e caçar pode ajudar, porém, as matas oferecem pouca caça, onde ainda se pode ver jaguatiricas.

comem. Apesar de garantirem que a terra não é bem produtiva, plantam feijão, milho, banana, cana, batata doce e mandioca. Pescar e caçar pode ajudar, porém, as matas oferecem pouca caça, onde ainda se pode ver jaguatiricas.

Vestidos em malhas Hering, jeans ou moletons, estão esquecidos do mundo. Precisam de tudo: café, sabão, roupas, cobertores, açúcar, arroz e feijão. Do governo, recebem cerca de 50 a 60 quilos de arroz que, divididos entre as famílias, representam um quilo para cada uma.

Não há posto da Funai na região, portanto, eles não recebem assistência nem mesmo de uma entidade voltada para os seus interesses. E, apesar do respeito às tradições, aceitaram abrigar um branco, de nome Pepe que já vive entre eles há quase um ano. A uma pergunta do tipo: "Quem é você", ele responde: "Eu sou eu". Curiosamente, é o único trajado dentro dos costumes indígenas: bermuda, camiseta, enfeitados por colares, cabelo cortado no melhor estilo indígena e amarrações nas pernas.

Pepe não pertence a nenhuma entidade filantrópica ou governamental. Os índios dizem que ele estuda as plantas e não entram em detalhes sobre sua presença no local. Com uma desconfiança tão inerente aos brancos, impôs restrições para fotografar, indagou sobre o objetivo de uma reportagem e insinuou um pagamento para permitir a entrevista. Fala fluentemente o guarani e, mesmo diante de estranhos, conversou com os índios neste idioma, apesar de receber respostas em português.

Apesar da amizade entre Pepe e os índios, ele também não poderá casar-se com uma índia.

Peruibe mantém última aldeia indígena do litoral paulista

Ao contrário do que possa parecer, a formação da aldeia dos Tupi-guaranis, situada em Peruibe, 140 km da Capital, é historicamente recente. Ela surgiu no início do século passado graças a dois índios vindos de Mato Grosso, um Caiuá (da tribo compreendida entre o oriente do Paraguai e o sueste mato-grossense) e um Tupi-guarani de Pedro de Toledo, cidade localizada na Baixada Santista e por onde Anchieta deixou vários ensinamentos.

Com esta união, logo outros índios Tupi-guaranis vieram para a aldeia, hoje conhecida como Bananal, e prosperaram com a criação de animais, plantação de bananas e a pesca. Por volta de 1924, representantes de auxí-

lio aos indígenas os convenceram a mudar para a aldeia de Araribá, próxima a Itanhaém. A principal intenção era oferecer melhores condições de vida: trabalho, roupas, comida. Mas, pouco tempo depois, uma doença assolou Araribá e matou quase todos, inclusive o cacique Caiuá.

Os índios que sobreviveram, voltaram ao Bananal e começaram vida nova. "Atualmente o líder é o pajé Nimossandju" - explica Plácido Cali, responsável por vários estudos e pesquisas no local. "A aldeia, com duzentos alqueires abriga apenas 11 famílias que têm como meios de subsistência a agricultura e a venda de artesanatos indígenas."